

Inovação na Gestão Pública: Um caso de defesa ambiental*

Elaborado por Helena Cusinato Santos

(2014)

Contém nota pedagógica

As garrafas PET, utilizadas para embalar refrigerantes, bebidas e outros produtos, têm uma decomposição extremamente demorada, de 100 a 400 anos. Ao serem descartadas, muitas dessas garrafas acabam sendo despejadas em rios e mares, contaminando de forma excessiva as águas naturais. Muitas aves e animais que vivem nessas águas ou próximos a elas, no entanto, acabam confundindo as garrafas e tampinhas com peixes e alimentos, ingerindo-as.

Assim, muitos animais marinhos na região próxima a Itajaí, Santa Catarina, acabaram sendo levados à morte por conta da contaminação com esses detritos. Um servidor público se compadeceu da situação e decidiu tomar atitudes para evitar futuros danos. No entanto, o servidor encontrou inúmeros impedimentos por conta de acordos entre governos e empresas que fazem uso de garrafas PET em seus produtos.

Relato da Situação:

Em uma região litorânea de Santa Catarina, próxima a Itajaí, no sul do Brasil, pescadores e moradores locais perceberam que muitas aves que viviam próximas ao mar e se alimentavam dos peixes da região estavam sendo encontradas mortas nas praias.

A população resolveu, portanto, acionar autoridades locais para entender as causas das mortes excessivas das aves. Uma pequena equipe pesquisadora foi contratada e notou que não apenas as aves morriam, mas outros animais marinhos também tinham seu índice de óbito elevado.

* O objeto de aprendizagem foi escrito para a disciplina “Políticas de Comunicação”, ministrada pelo Professor Fernando Oliveira Paulino, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB).

Após inúmeras pesquisas e estudos acerca da situação, notou-se que no estômago dos animais eram encontrados detritos e lixos, especialmente restos de garrafas PET, como pedaços de plásticos e tampinhas de garrafas.

Para os moradores da região foi uma grande surpresa, mas para os pesquisadores e para as autoridades não havia nenhuma novidade: as garrafas PET, feitas de plástico, cuja absorção no meio ambiente é extremamente demorada e complicada, eram despejadas erroneamente como lixo comum e iam parar nas águas naturais em Santa Catarina. As aves e demais animais marinhos muitas vezes ingeriam os detritos, ora confundindo-os com alimento, ora por acidente. Como o estômago não era capaz de digerir, os animais passavam mal e chegavam à morte.

O efeito das garrafas PET na alimentação da fauna marinha não era uma informação nova para algumas autoridades locais, mas não havia sido comprovada tão de perto até então. A situação preocupou muitos servidores envolvidos, que decidiram tomar uma atitude para mudar as ocorrências dos fatos.

Um servidor da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável, do Setor de Saneamento e Meio Ambiente, no entanto, se destacou dos demais na preocupação com o futuro da fauna marinha local. Luiz Guilherme considerou que a população deveria ser conscientizada acerca do assunto, sendo instruída sobre os danos que as garrafas PET eram capazes de causar aos animais. Além disso, passou a estudar formas de substituir as garrafas PET, que são utilizadas em larga escala pelas empresas de refrigerantes, por outros tipos de materiais.

Luiz passou alguns meses pesquisando acerca do assunto, entrando em contato com especialistas e elaborando um plano de comunicação para transmitir as notícias, que até então não haviam sido divulgadas com a devida importância. Preparou também propostas de estudos para a diminuição do uso da garrafa PET e para formas alternativas e mais corretas de descarte.

Quando foi apresentar seu trabalho e suas propostas aos diretores de seu departamento, porém, Luiz Guilherme recebeu respostas vagas e notou pouco interesse no tema.

– Esse assunto é muito complicado, não posso falar agora, conversamos sobre isso depois... – foi o que o servidor ouviu do diretor do Setor de Saneamento e Meio Ambiente.

Seu chefe imediato, Carlos, disse que iria analisar seus estudos e enviar para as autoridades responsáveis assim que pudesse, mas meses se passaram sem que nenhuma atitude fosse tomada.

Luiz Guilherme passou a se incomodar com a situação e resolveu questionar seus superiores sobre o assunto. Mas o retorno que obtinha era sempre ríspido e nada objetivo. Quando, incomodado, conversou sobre a situação com um colega, descobriu que suas propostas haviam sido engavetadas.

Ao analisar a situação com outros colegas de maior confiança, percebeu que não havia interesse do governo local em iniciar um embate com as empresas fabricantes de refrigerantes, com as quais mantinha inúmeros acordos. A divulgação dos danos causados pelas garrafas PET causaria uma imagem negativa para as empresas, prejudicando suas vendas e atrasando a economia. A substituição dos materiais prejudicaria a venda do material plástico, levando a diversas perturbações maiores.

O servidor pesquisou formas de mostrar como era importante mudar a situação e encontrou muitas pessoas que concordavam com ele, lhe dizendo que alguém deveria tomar uma atitude, que a situação era muito prejudicial ao ambiente e aos animais, e que era hora de mudar, mas ninguém estava realmente disposto a participar do projeto e iniciar uma possível mudança.

Depois de quase dois anos desde os acontecimentos iniciais, sem que a fauna deixasse de ser prejudicada, Luiz Guilherme já havia construído algumas inimizades em seu ambiente de trabalho, a exemplo de dois colegas do Setor de Desenvolvimento Econômico, que já haviam deixado escapar que o julgavam sonhador e irresponsável, além de evitarem procurá-lo para futuros projetos. A situação estava prejudicando seu dia-a-dia e, temeroso quanto a seu futuro no cargo público que desempenhava, resolveu aceitar as circunstâncias e também engavetar seus estudos.